

# DISCURSO E MÍDIA E(M) INVENTÁRIO DIGITAL: UMA TOMADA DE POSIÇÃO DISCURSIVA<sup>1</sup>

## DISCOURSE AND MEDIA AND(IN) DIGITAL INVENTORY: A DISCURSIVE POSITION TAKING

Silmara DELA SILVA<sup>2</sup>

Fernanda Luzia LUNKES<sup>3</sup>

Ceres Ferreira CARNEIRO<sup>4</sup>

### RESUMO

Este artigo objetiva apresentar uma proposta de intervenção teórico-prática no campo da análise de discurso pecheuxtiana, a saber: a produção e disponibilização na rede eletrônica de um inventário digital que reúna termos, noções e conceitos do campo teórico dos estudos discursivos, decorrente da compilação de formulações presentes, a partir da década de 1980, em trabalhos de pesquisadores brasileiros em suas práticas de análises dos discursos da/na mídia. Tal proposta visa conferir visibilidade a conceitos e noções da área, dada a importância e abrangência dos discursos da/na mídia em nossa conjuntura sócio-histórica, bem como o vasto conhecimento que vem sendo produzido com o aporte teórico-metodológico da análise do discurso de Michel Pêcheux com vistas à compreensão do funcionamento discursivo dessas produções midiáticas.

<sup>1</sup> Agradecemos ao CNPq pelo auxílio destinado ao desenvolvimento deste projeto, por meio do Edital Universal 2021, processo 403433/2021.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professora da Universidade Federal Fluminense. E-mail: silmaradela@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense. Professora da Universidade Federal do Sul da Bahia. E-mail: flunkes@gmail.com.

<sup>4</sup> Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense. Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: cerescarneiro@gmail.com.



## **PALAVRAS-CHAVE**

Análise do Discurso; discursos da/na mídia; inventário digital; arquivo; rede eletrônica.

## **ABSTRACT**

This article aims to present a proposal for a theoretical-practical intervention in Pêcheux's discourse analysis, namely: the production and availability on the web of a digital inventory that brings together terms, notions, and concepts of discourse analysis, resulting from the compilation of formulations present, from the 1980s, in works by Brazilian researchers in their practices of analysis of discourses in/in the media. This proposal aims to give visibility to concepts and notions in the area, given the importance and scope of discourses from/in the media in our socio-historical conjuncture, as well as the vast knowledge that has been produced with the theoretical-methodological contribution of Michel Pêcheux's discourse analysis with a view to understanding the discursive functioning of these media productions.

## **KEYWORDS**

Discourse Analysis; discourses from/in the media; digital inventory; archive; the web.

## **1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

O presente artigo insere-se em um contexto de (re)leituras de Michel Pêcheux em suas formulações para a teoria e a análise do discurso, buscando pensar as consequências de suas proposições para as análises dos discursos da e sobre a mídia na atual conjuntura sócio-histórica brasileira. De modo mais específico, buscamos trazer algumas das reflexões iniciais suscitadas no âmbito do projeto de pesquisa intitulado “Inventário digital de termos e conceitos em discurso e mídia”<sup>5</sup>, cujo principal objetivo é produzir um inventário digital de termos e conceitos do campo teórico dos estudos

---

<sup>5</sup> O presente projeto foi aprovado no CNPq, no Edital Universal 2021, processo 403433/2021.



discursivos, que vem sendo mobilizados para as análises de discursos da e sobre a mídia, no Brasil.

Trata-se, assim, de um projeto de pesquisa com vistas a compilar noções teórico-metodológicas que, desde a década de 1980, são propostas e mobilizadas por analistas de discurso brasileiros pecheuxianos em suas práticas de pesquisa em torno de *corpora* constituídos por distintas materialidades significantes, formuladas e com circulação na mídia, com vistas a sua disponibilização em um acervo digital, na rede eletrônica.

Considerando a ampla abrangência dos discursos da e sobre a mídia em nossa conjuntura sócio-histórica, bem como o vasto conhecimento que vem sendo produzido com o aporte teórico-metodológico da análise do discurso de base materialista, objetivando a compreensão do funcionamento discursivo das produções midiáticas, inventariar termos, conceitos e noções teóricas torna-se trabalho relevante para os estudos da linguagem e, sobretudo, para os estudos do discurso. Sua relevância pode ser associada, a princípio, a dois importantes aspectos, a saber: i) conferir visibilidade a conceitos e noções da área, demonstrando o seu funcionamento em pesquisa; ii) produzir um material consistente e acessível, que possa ser mobilizado para o apoio ao ensino de graduação e pós-graduação na área, bem como para a inserção de jovens pesquisadores às práticas de pesquisa no campo discursivo.

O percurso aqui empreendido se organiza em torno de três momentos. No primeiro, apresentamos a proposta do inventário digital, com ênfase para o trabalho coletivo que caracteriza a sua produção. Da perspectiva discursiva, empreendemos também uma breve reflexão acerca da nomeação “inventário” e(m) suas consequências para o gesto de compilação proposto. Em um segundo momento, voltamo-nos a reflexões acerca dos procedimentos



metodológicos a serem adotados para a constituição do referido inventário. Por fim, em um terceiro momento, apresentamos um exercício de compilação de uma noção teórico-metodológica a ser incorporada ao inventário: a noção de policromia, conforme proposta por Souza (2001), destinada à análise do não-verbal em sua materialidade específica.

Entendemos, assim, que a produção de um inventário destinado a compilar noções do quadro teórico-metodológico da análise de discurso pecheuxtiana voltadas às reflexões teórico-analíticas acerca das práticas discursivo-midiáticas torna-se relevante, ainda, por um terceiro motivo, qual seja: conferir visibilidade ao pensamento de Michel Pêcheux, que segue atuante na conjuntura sócio-histórica brasileira. Se hoje torna-se possível mobilizar as proposições pecheuxtiana para dizer sobre o funcionamento dos discursos jornalístico, publicitário e digital, por exemplo, em suas práticas discursivas em curso é porque as reflexões que se fundam com Pêcheux na França, ao final da década de 1960, foram reterritorializadas no Brasil, ganhando corpo e constituindo uma escola brasileira de análise do discurso (LEANDRO-FERREIRA, 2005; ORLANDI, 2011). É a essa produção que nos voltamos, atentas às especificidades de suas contribuições para a análise dos discursos da e sobre a mídia.

## **2. INVENTÁRIO DIGITAL: PROCEDIMENTOS DE UMA PROPOSTA INTERVENTIVA NO CAMPO DOS ESTUDOS DO DISCURSO**

A proposta para o inventário digital decorre de um retorno à leitura de Michel Pêcheux, um dos teóricos precursores da tradição francesa de análise do discurso, buscando compreender o modo como a mídia comparece em seu percurso teórico-analítico. Em uma produção que



engloba livros, capítulos e inúmeros artigos com circulação em periódicos, alguns deles publicados após a morte do autor, a questão da mídia e do funcionamento dos discursos que nela são formulados e circulam tornam-se, por vezes, objeto da reflexão pecheuxtiana. O discurso publicitário em sua constituição sócio-histórica (PÊCHEUX, [1979] 2011), a mídia televisiva em seus modos de constituir acontecimentos (PÊCHEUX, [1983] 1990) e o discurso jornalístico e(m) sua gestão da memória (PÊCHEUX, [1982] 2015) são alguns dos pontos que comparecem no percurso empreendido por Pêcheux, durante as décadas de 1960 e 1980, em sua teorização sobre o discurso (DELA-SILVA, CARNEIRO, no prelo).

Em aproximadamente quatro décadas da análise de discurso que se desenvolve a partir das propostas de Pêcheux no Brasil, são muitos os trabalhos que se voltam aos discursos da/na mídia e(m) seu funcionamento, concluídos e em curso nas diversas instituições de ensino e pesquisa do país. Nessa tradição de estudos sobre os discursos da/na mídia, não são apenas noções teóricas basilares à constituição de uma teoria do discurso de tradição francesa que são mobilizadas, tais como as noções de língua, discurso, sujeito e ideologia, por exemplo. Ao contrário, muitas são as noções teóricas propostas e mobilizadas por analistas de discurso brasileiros em seus gestos de análise voltados às práticas discursivo-midiáticas.

Algumas dessas pesquisas, pelas condições de produção à época de sua finalização, podem ter comprometimento em seus processos de circulação, de modo que o acesso a elas pode estar obstaculizado ou mesmo inacessível (a exemplo de pesquisas cujas versões finais não foram digitalizadas ou que inicialmente foram publicadas em livros impressos, com tiragens esgotadas). Possibilitar um espaço próprio, que proporcione visibilidade às pesquisas



já realizadas, é, pois, uma demanda no campo dos estudos discursivos. Em estudo sobre bases de dados, incluindo a questão estratégica relacionada à ciência e à tecnologia, Lucas (2003, p. 209) defende a necessidade de confecção de bases de dados nacionais, “que permitam a reconstrução de cenários, conhecimentos, fatos e dados pertinentes a uma realidade própria”.

Embora os objetivos relacionados ao projeto não possam ser vinculados à produção de um banco de dados, retomamos o trabalho de Lucas (2003) para destacar sua tomada de posição segundo a qual a produção do conhecimento deve considerar as condições de produção da nossa formação social, de modo que as práticas científica, teórica e política visibilizem a produção intelectual nacional e atuem para uma maior acessibilidade em seus processos de circulação no interior do que se compreende como “conhecimento público” (LUCAS, 2003, p. 208).

Nesse sentido, um ponto crucial que perpassa o trabalho coletivo do projeto é o gesto de retorno a pesquisas realizadas há décadas e que estão disponibilizadas em diferentes bibliotecas e arquivos para reuni-las em um inventário digital, mobilizadas a partir de verbetes. Como veremos, tal movimento não pode desconsiderar a equivocidade e polissemia dos/nos sentidos em jogo, alguns dos quais iremos abordar.

Há uma forte demanda por um trabalho de resignificação nos processos de formulação. Um projeto, sob o aporte teórico-metodológico da análise do discurso, concebe o entrelaçamento entre o teórico, o científico e o político, já que, conforme destaca Orlandi (2016), inscreve o materialismo ao privilegiar a ideia de processo, ao dar corpo ao funcionamento. Privilegiar o funcionamento modifica a relação dos sujeitos com os trabalhos teóricos pesquisados, exigindo uma posição outra, que não de subserviência, mas



consequente em relação ao modo como o conceito ou o termo pesquisado é assumido. Para tanto, mobilizamos os sítios de significação, os quais resultam da relação entre os gestos de interpretação do sujeito autor com aquilo que lhe é exterior, com a memória discursiva, relação esta que torna o texto uma “peça significativa” (ORLANDI, 1998, p. 15).

Por essa razão, um dos termos que designa este trabalho de produção proposto pelo projeto, qual seja, um “inventário”, deve ser posto em questão, já que, da perspectiva discursiva, todo processo de designação inscreve um gesto político (INDURSKY, 2006). Começemos considerando os sentidos de inventário presentes no dicionário. Vejamos as diferentes acepções do termo no dicionário Houaiss:

**inventário** *s.m.* [...] descrição detalhada do patrimônio de pessoa falecida, para que se possa proceder à partilha dos bens 2 a ação intentada para a arrecadação e a posterior partilha desses bens [...] 3 *p. met.* o documento ou papel em que estão enumerados e descritos esses bens 4 [...] no caso de separação judicial, descrição e avaliação dos bens do casal para posterior partilha 5 [...] descrição e avaliação de todos os bens, ativos e passivos, de uma sociedade comercial 6 levantamento minucioso dos elementos de um todo; rol, lista, relação <*o i. dos monumentos artísticos da cidade*> 7 qualquer descrição detalhada, minuciosa de algo [...]. (HOUAISS, 2009, p. 1015, destaques e itálicos do original)

Em seus variados efeitos de sentidos discursivizados em dicionário, construir um inventário aponta para descrição, detalhamento, olhar de forma minuciosa para, enfim, diante de uma relação dos bens disponíveis, proceder à partilha. Destacamos a regularidade presente nos processos de adjetivação, que colocam em relevo um efeito de exaustividade e fidedignidade em relação ao que, em um gesto de ressignificação, passa a compor um determinado



conjunto. Formas materiais como “detalhada” e “minuciosa” produzem efeitos de precisão no gesto daquilo que passará de uma determinada condição a outra (de bens referentes a um casamento com comunhão universal de bens para bens divididos entre os sujeitos por meio do divórcio); daquilo que passa a ser conhecido/estabelecido/legitimado em seu aspecto quantitativo (quantidade de mercadoria em estoque, quantidade de bens materiais); efeitos que são solidificados pela inscrição, no fio do discurso, de termos como “enumerados”.

Vale ainda ressaltar que, a depender da prática em jogo, faz-se necessário o reconhecimento e a legitimidade de determinados aspectos do que está sendo inventariado, nesse caso jogando sobretudo com aspectos qualitativos, cujos processos de textualização passam pela descrição, que no seu detalhamento, na sua especificação, incide no valor atribuído em uma determinada avaliação.

Trata-se, assim, de produções de sentidos que jogam com a dispersão e ao mesmo tempo com a unidade; isso porque um mesmo termo conjuga diferentes práticas (econômica, jurídica, artística) relacionadas a diferentes instituições, vinculadas a diferentes Aparelhos Ideológicos de Estado (ALTHUSSER, 1985).

É preciso ainda suspender algumas produções de evidências em torno da exaustividade e fidedignidade construídas sobre o inventário. Em nosso gesto, vincular-se a uma ética da escuta discursiva implica a elaboração e a responsabilização pelo recorte pelas/nas tensas fronteiras entre descrição e interpretação, mobilizando da/na área o que é e pode ser relevante em relação à mídia da perspectiva discursiva ao mesmo tempo que possibilita,



nos processos de formulação, um processo de tomada de posição a partir/nos/com os gestos de leitura efetuados para a elaboração dos verbetes.

A perspectiva discursiva, de um lado, fornece as condições para que assumamos determinadas tomadas de posição no interior da prática científica, desinvestindo o inventário de sentidos como os relacionados à exaustividade; por outro, permite realçar o que pesquisas da área produziram em determinada época, mobilizando-as enquanto sítios de significação e fazê-los circular em outro arquivo, na rede eletrônica (ROMÃO; GALLI, 2011).

### 3. DOS PROCEDIMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DO INVENTÁRIO DIGITAL

Para compreendermos um pouco mais do que estamos entendendo por um inventário digital de termos e conceitos do campo teórico dos estudos discursivos sobre a mídia, partimos de alguns exemplos.

O primeiro deles decorre das análises sobre o discurso jornalístico, propostas por Bethania Mariani (1998). Para a compreensão do funcionamento desses discursos, em sua tese de doutorado, a autora recorre a noções que passaram a ser amplamente mobilizadas por analistas que se voltam ao discurso jornalístico, em suas diferentes condições de circulação. Uma dessas noções é a de “discurso sobre”, entendida como uma modalidade a que pertence o discurso jornalístico. Nos termos de Mariani (1998, p. 60, *itálicos do original*): “Os *discursos sobre* são discursos que atuam na institucionalização dos sentidos, portanto, no efeito de linearidade e homogeneidade da memória. [...] são discursos intermediários, pois ao falarem sobre um discurso [...], situam-se entre este e o interlocutor, qualquer que seja.”. Os “discursos sobre”, conforme Mariani (1998, p. 61), têm a propriedade de “coloca(r) o



mundo como objeto” e, em seu funcionamento no discurso jornalístico, levam à institucionalização dos sentidos. Ao lado da noção de “discurso sobre”, Mariani (1998) também irá tratar de “equações linguísticas” em seu funcionamento no discurso jornalístico, e de “narratividade” enquanto um efeito do discurso, dentre outras noções.

Tais proposições/formulações irão compor o inventário digital aqui proposto, ao lado de outras noções teóricas, que não se restringem às análises do discurso jornalístico. No que concerne ao funcionamento midiático na rede eletrônica, Solange Gallo (2012) tem pensado a noção de “discursos de escritorialidade”, por exemplo, para compreender o funcionamento de um “discurso de escrita, ao mesmo tempo com as características da oralidade, sem as exigências do discurso de escrita, mas ao mesmo tempo com os benefícios do discurso de escrita” (GALLO, 2012, p. 60), a exemplo dos tantos discursos em circulação na rede eletrônica e, notadamente, nas redes sociais, compreendidas como novas mídias.

Noções teóricas como essas aqui mencionadas seguem comparecendo em análises de discursos da e sobre a mídia realizadas por analistas de discurso no Brasil, e não são sem consequências para o desenvolvimento atual da teoria proposta por Pêcheux. Como afirma Leandro Ferreira, acerca do quadro atual da análise do discurso no Brasil:

Do campo verbal ao não-verbal, passando pelos temas sociais (imigração, movimento sem-terra, greves) e por diferentes tipos de discurso (religioso, jurídico, científico, cotidiano), ou por questões estritamente teóricas (hiperlíngua, autoria, sujeito do discurso, equivocidade da língua), a Análise do Discurso no Brasil ou Escola Brasileira de Análise do Discurso, amadureceu, se consolidou e garantiu seu lugar no âmbito dos estudos da linguagem realizados pelas ciências humanas. (LEANDRO-FERREIRA, 2005, p. 21)



É em consonância a Leandro-Ferreira (2005) e Orlandi (2011), na compreensão das especificidades que pautam uma tradição de pesquisas em curso naquela que pode ser chamada de uma escola brasileira de análise do discurso, que situamos o trabalho de compilação de noções teórico-metodológicas que vem sendo mobilizadas por analistas de discurso que se voltam às análises de discursos da/na mídia, com vistas à sua disponibilização em um acervo digital, compondo o inventário em discurso e mídia.

Para a constituição do inventário, serão adotados alguns procedimentos específicos, de modo a possibilitar a compilação dos termos e, igualmente, sua circulação em formato digital. Uma primeira etapa consiste justamente na realização de um levantamento em torno de pesquisas em nível de mestrado e doutorado realizadas com o aporte teórico-metodológico da análise do discurso desde meados da década de 1980, que tenham como objeto de análise discursos da/na mídia. Adotamos como marco inicial para o levantamento dessas pesquisas as orientações realizadas pela pesquisadora Eni Orlandi, desde o seu ingresso no Programa de Pós-graduação em Linguística da Unicamp, na década de 1980, por entendermos que Orlandi inaugura esse movimento de reterritorialização no Brasil da análise do discurso proposta por Michel Pêcheux.

A partir desse primeiro levantamento, buscamos identificar pesquisas que propõem noções e/ou conceitos teóricos específicos – ou que possam ser articulados –, mobilizados para a análise de discursos da/na mídia. Uma vez identificadas e recortadas algumas das noções teórico-metodológicas a serem inventariadas, passaremos ao momento de compilação de cada conceito, que deverá compreender: - a apresentação de cada conceito ou noção teórica; - a apresentação do modo como tal noção ou conceito



comparece metodologicamente na pesquisa em questão; - a apresentação dos desdobramentos, em forma de indicações bibliográficas, caso se aplique.

Como a circulação do inventário será feita de forma digital, em um arquivo a ser constituído na rede eletrônica, a escrita de cada termo que irá integrar o inventário poderá se valer de estratégias próprias à rede, tais como a criação de *hiperlinks* para o acesso às fontes de pesquisa, a análises desenvolvidas com a mobilização de tais conceitos, e a noções a ele relacionadas. Trata-se, como já vimos afirmando, de um trabalho com vistas a contribuir para o ensino em nível de graduação e pós-graduação, para a iniciação em pesquisa e para divulgação das práticas científicas na área, a ser desenvolvido não de forma a atingir a completude da produção em análise do discurso, mas a constituir-se como um arquivo para se pensar os discursos da e sobre a mídia na conjuntura brasileira, ao longo dessas quatro décadas de pensamento pecheuxtiano no país.

#### **4. CONSTRUINDO O INVENTÁRIO: A NOÇÃO DE POLICROMIA**

Para fecharmos a apresentação dessa proposta de constituição do inventário de termos e noções teóricas em discurso e mídia, dedicamos essa seção ao gesto de produção do inventário propriamente, voltando-nos a uma noção teórico-metodológica específica: policromia. Proposta por Souza (2001), a noção de policromia tem sido amplamente mobilizada há ao menos duas décadas em análises discursivas que se voltam à compreensão do não-verbal em sua especificidade. Trata-se, assim, de um termo cunhado por uma analista de discurso que vem se somar ao dispositivo teórico-analítico da análise do discurso proposta por Pêcheux em seu desenvolvimento no Brasil.

Em nosso gesto de inventariar a noção de policromia, iniciamos por retomar a sua formulação teórica pela autora (SOUZA, 2001), que se dá por proximidade à



noção de polifonia, tal como conceituada por O. Ducrot. Posteriormente, buscamos mostrar o percurso empreendido pela autora na constituição dessa noção teórica. Por fim, mencionamos algumas análises desenvolvidas pela própria autora e por outros analistas de discurso, que se valem da noção de policromia em seu funcionamento teórico-metodológico. É importante ressaltar, no entanto, que o gesto de inventariar a noção de policromia aqui iniciado não visa a recuperação da completude da formulação de tal conceito e, tampouco, consegue reproduzir a materialidade específica do inventário a ser produzido, no espaço digital. No entanto, presta-se a exemplificar os trabalhos em andamento no âmbito do referido projeto e a demonstrar a relevância de se recuperar o conhecimento produzido em análise do discurso no Brasil, voltado às análises da e sobre a mídia.

Para apresentarmos a noção de policromia, tal como formulada por Souza (2001), começamos por retomar duas longas citações da autora que situam a sua proposição, exposta no Quadro 1.

#### Quadro 1 — A noção de policromia em Souza (2001)

“O conceito de polifonia (DUCROT, 1980) pressupõe que todo texto traz em sua constituição uma pluralidade de vozes que podem ser atribuídas ou a diferentes locutores, caso dos discursos relatados, ou a diferentes enunciadores, quando se atesta que o locutor pode se inscrever no texto a partir de diferentes perspectivas ideológicas. [...] Essas vozes imprimem ao texto o caráter de heterogeneidade, definido por Authier (1990) como heterogeneidade(s) enunciativa(s). [...] O texto de imagens também tem na sua constituição marcas de heterogeneidade, como o implícito, o silêncio, a ironia. Marcas, porém, que não podem ser pensadas como vozes, porque analisar o não-verbal pelas categorias do verbal implicaria na redução de um ao outro. Nesse caso, por associação ao conceito de polifonia, formulamos o conceito de policromia (SOUZA, 1997), buscando analisar a imagem com mais pertinência.” (SOUZA, 2001, p. 80).

“O conceito de policromia recobre o jogo de imagens e cores, no caso, elementos constitutivos da linguagem não-verbal, permitindo, assim, caminhar na análise do discurso do não-verbal. O jogo de formas, cores, imagens, luz, sombra, etc. nos remete,



à semelhança das vozes no texto, a diferentes perspectivas instauradas pelo *eu* na e pela imagem, o que favorece não só a percepção dos movimentos no plano do sinestésico, bem como a apreensão de diferentes sentidos no plano discursivo-ideológico, quando se tem a possibilidade de se interpretar uma imagem através de outra” (SOUZA, 2001, p. 80, *itálico do original*).

Fonte: Adaptado de Souza (2001).

A noção de policromia, formulada por Souza (2001, p. 80) a partir do radical “cromo”, em seus termos, “utilizado aqui com o sentido aproximado de cromolitografia, arte de estampar em relevo figuras coloridas”, busca, assim, recobrir “o jogo de imagens, cor, luz e sombra etc. presentes às imagens” (SOUZA, 2001, p. 80), de modo que a análise da materialidade não-verbal não seja reduzida ao verbal.

Para a proposição da noção de policromia, Souza (2001) recupera de início o modo como os trabalhos de análise de imagens costumavam ser associados a duas vertentes. A primeira, por sua aproximação ao linguístico, “discutindo-lhe as questões relativas à arbitrariedade, à imitação, à referencialidade” (SOUZA, 2001, p. 66). E a segunda, quando se consideram os seus traços específicos, “como extensão e distância, profundidade, verticalidade, estabilidade, ilimitabilidade, cor, sombra, textura, etc.” (SOUZA, 2001, p. 66). Dessas duas vertentes decorrem alguns dos estudos mencionados pela autora, que se desenvolvem, respectivamente, ancorados nas proposições de Saussure e Peirce. Em ambas as tradições de estudos, Souza (2001, p. 67) critica a “formalização que congela o significado e apaga a historicidade do sentido”.

Em seu percurso, a autora retoma também as proposições semióticas de Vilches (1991 *apud* SOUZA, 2001), que propõe uma leitura da imagem a partir de unidades relativas ao seu próprio funcionamento. Ocorre que, conforme



aponta Souza (2001, p. 69), tais análises não colocam em discussão “nem os usos que vêm sendo feitos – como na mídia, por exemplo – da imagem, nem as possibilidades de interpretação da imagem social e historicamente determinadas”. A proposição de Souza (2001), conforme se observa, localiza-se em torno de um olhar discursivo para a imagem em seu funcionamento. Em seus termos, o conceito de policromia instaura-se nesse “lugar que permite ao interpretar a imagem projetar outras imagens, cuja materialidade não é da ordem da visibilidade, mas da ordem do simbólico e do ideológico. Da ordem do discurso” (SOUZA, 2001, p. 72).

Nesse mesmo texto em que apresenta formalmente a noção de policromia, Souza (2001) desenvolve algumas análises que buscam justamente sustentar a sua proposição de que a imagem não deve ser pensada a partir de sua segmentação, mas sim como um discurso, em seu funcionamento próprio. Desse modo, ela se dedica a análise da imagem na relação com a teorização sobre o silêncio (ORLANDI, 1992), a partir da análise do conjunto de três cenas finais do filme *Thelma & Louise* (1991). Para pensar as particularidades da imagem na TV, retoma algumas das análises do programa Linha Direta, desenvolvidas na dissertação de Mendonça (2001); e se volta a algumas cenas de um documentário sobre o “Batizado do Milho”, ritual dos povos Bakairi, exibido em uma das edições do programa Globo Rural. A autora faz ainda duas paradas para pensar as especificidades da imagem no jornalismo impresso e na publicidade, concluindo que “a policromia assoma como o lugar dos deslizamentos e como o lugar de rede de filiações por imagens” (SOUZA, 2001, p. 93).

Em outros trabalhos, a autora retoma a noção de policromia, mostrando o funcionamento das imagens em relação à constituição de acontecimentos discursivos e à memória, como em “Carnaval e memória: das imagens



e dos discursos” (SOUZA, 2008), “O papel da imagem na constituição da memória” (SOUZA, 2012) e “Imagem, textualidade e materialidade discursiva” (SOUZA, 2013).

A conceituação proposta por Souza (2011) também tem sido mobilizada em diversos trabalhos no campo teórico da análise do discurso. Um exemplo dessa mobilização está na tese de Trajano (2016), que se volta à análise discursiva de um videoclipe, considerando as materialidades linguística, imagética e musical. Ao tratar do discurso imagético, Trajano (2016) retoma Souza (2013) em sua proposição da noção de policromia, mostrando que: “O imagético passa a ser tomado como fundamentalmente heterogêneo, com seus próprios operadores discursivos não-verbais, tais como: cor, detalhe, ângulo, luz, sombra etc.”. Pensando as consequências para a música, em sua materialidade específica, por exemplo, o autor afirma: “não se discute, por exemplo, que a inscrição de instrumentos como pandeiro e repique em uma canção atualizam também a memória e as redes de sentido em que se inscrevem.”, mostrando que, conforme afirma Souza (2013), “o dispositivo teórico da Análise do Discurso oferece as condições necessárias para o trabalho com diferentes objetos simbólicos”.

Um outro exemplo de mobilização da noção de policromia está na dissertação de Soares (2016), que se dedica à análise discursiva de sentidos para o que é ser brasileiro, em propagandas da Copa do Mundo de 2014. Ao mobilizar a proposição de Souza (2001) acerca da eficácia simbólica da imagem como dispositivo, Soares (2016) volta-se à relação entre os níveis policrômico e polifônico na constituição de sentidos no discurso publicitário.

Certamente, muitas outras pesquisas ainda podem somar-se a esse breve gesto de inventariar a noção teórica de policromia, em seu funcionamento



em análises dos discursos da/na mídia. O início de compilação aqui proposto busca somente dar a conhecer o inventário em construção, em seu processo de conferir visibilidade à prática teórico-analítica em análise do discurso no Brasil.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do percurso que ora empreendemos, com vistas a dar a conhecer o “Inventário digital de termos e conceitos em discurso e mídia”, em construção, pontuamos aquilo que, a nosso ver, o especifica. O inventário digital pretende se apresentar como um arquivo que, conforme Pêcheux (2010 [1981], p. 51), deve se constituir a partir de um “trabalho de ‘leitura interpretativa”, um trabalho da memória que, no caso, busca recuperar e disponibilizar na rede eletrônica uma história de pesquisas em discursos da/na mídia no Brasil. Mas, sobretudo, pretende contribuir para a divulgação da prática científica no campo teórico da análise de discurso e ao apoio ao ensino de graduação e pós-graduação na área, configurando-se como uma intervenção no campo do discurso, em suas práticas científicas e educacionais.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). 2. ed. Trad. Walter Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

DELA SILVA, Silmara; CARNEIRO, Ceres Ferreira. **Dos discursos da/na mídia**: um percurso com Michel Pêcheux. No prelo.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2009.



INDURSKY, Freda. Identificação e contra-identificação: diferentes modalidades de subjetivação no discurso do/sobre o MST. In: MARIANI, B. (org.). **A escrita e os escritos: reflexões em Análise do Discurso e Psicanálise**. São Carlos, SP: Claraluz, 2006.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Introdução: o quadro atual da análise de discurso no Brasil. Um breve preâmbulo. In: INDURSKY, F.; LEANDRO-FERREIRA, M. C. (Orgs.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos, SP: Claraluz, 2005.

LUCAS, C. R. Bases de dados bibliográficas como mapas virtuais de conhecimento. In: GUIMARÃES, E. (org.). **Produção e circulação do conhecimento: política, ciência, divulgação**. Campinas, SP: Pontes, 2003.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan; Campina, SP: Unicamp, 1998.

MENDONÇA, Kleber Santos de. **Discurso e mídia: de tramas, imagens e sentidos. Um estudo do Linha Direta**. 2001. Dissertação (Mestrado em Mídia e Discurso) — Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2001.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**. Campinas, SP: Unicamp, 1992.

ORLANDI, Eni. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

ORLANDI, Eni. A análise do discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos da Universidade Federal Fluminense**, Niterói, n. 42, p. 21-40, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/cel.v42i0.8637139>. Acesso em: 14 nov. 2022.

ORLANDI, Eni. Apagamento do político na ciência: notas à história da análise de discurso-fragmentação, diluição, indistinção de sentidos e revisionismo.



In: ORLANDI, Eni. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2016.

PÊCHEUX, Michel. [1983]. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. [1969]. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. [1981]. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E.P. (org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. 3 ed. Campinas, SP: Unicamp, 2010.

PÊCHEUX, Michel [1979]. “Foi propaganda mesmo que você disse?”. In: **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni P. Orlandi. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* (org.) **Papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 2015.

ROMÃO, Lucilia M. S.; GALLI, Fernanda C. S. (org.). **Rede eletrônica**: sentidos e(m) movimento. São Carlos, SP: Pedro & João, 2011.

SOARES, Paula G. F. “**O que é ser brasileiro**”: formações imaginárias no discurso publicitário da Copa do Mundo 2014. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) — Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

SOUZA, Tania C. C. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. **RUA**, Campinas, SP, v. 7, p. 65-94, 2001.

SOUZA, Tania C. C. Carnaval e memória: das imagens e dos discursos. **Contracampo**, Niterói, v. 13, p. 139-157, 2008. Disponível em:



<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17316>. Acesso em: 3 nov. 2022.

SOUZA, Tania C. C. Imagem, textualidade e materialidade discursiva. In: RODRIGUES, Eduardo Alves; SANTOS, Gabriel Leopoldino dos; CASTELLO BRANCO, Luiza K. (org.). **Análise de Discurso no Brasil**: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi. Campinas, SP: RG, 2013.

TRAJANO, Raphael M. **HIP-HOP — Sujeito e(m) movimento**: análise discursiva da imbricação entre as materialidades linguística, imagética e musical em um videoclipe publicado no *Youtube.com*. 2016. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) — Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

